



ESTÉTICA SCHOPENHAUEREANA, O BELO ENQUANTO NEGAÇÃO DA VONTADE

David Simão Costa

Bacharelado em Filosofia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA)
costadavid100@outlook.com.br

A presente comunicação apresenta nossa pesquisa de iniciação sobre o estudo da *estética* na filosofia do alemão do século XIX Arthur Schopenhauer. Nosso objetivo é primeiramente explicar o que o filósofo entende por *estética*, segundo, a importância do belo como possível negação da vontade e do querer humano. A metodologia empregada será o estudo e análise do belo como foco principal, o conhecimento estético, aquele conhecimento desinteressado que não procura conhecer e fazer ciência, mas sim contemplar. Usaremos o livro III da obra *O mundo como vontade e representação* de Schopenhauer, mas também a sua *Metafísica do belo*, como complemento menor em relação ao seu livro III de sua obra magna. Nosso estudo será aprofundado por meio de referências a obras de comentadores, como a análise da *Metafísica do belo* escrita por Jair Barbosa. Por fim, exporemos as considerações preliminares da pesquisa, atualmente em andamento, elencando como principal ponto o conceito de belo como aquilo que existe de mais perfeito na natureza, essência íntimas dos objetos e objetivação mais perfeita e adequada da vontade. A vontade é o em si do mundo, é inexplicável, apenas a conhecemos em suas objetivações, o mundo inteiro é apenas objetivação desta vontade cega que impulsiona o homem pelo querer contínuo. O belo é retratado como a ideia perfeita, sendo conhecida em seus últimos graus de objetivação, mas nunca em si

Anais da XVII Semana de Filosofia – Resumos simples

Revista Eros, Sobral, v. 2, pp. 10-11, jan./dez. 2020.

mesma. Quando o indivíduo abandona aquele conhecimento a serviço do princípio razão que repousa no âmbito das ciências, abandona também a condição de indivíduo particular e torna-se o puro sujeito do conhecimento, eleva-se além das representações e, ao olhar para natureza, não intui os objetos de representações, mas sim a essências destes, ou seja, os últimos graus da objetivação da vontade: a ideia de beleza. Portanto, cessou sua vontade e abandonou sua individualidade, tornou-se o sujeito universal: não deseja mais, não possui interesse nos objetos particulares, sente-se iluminado e vivo. Isso é um instante, um curto intervalo de tempo, não é duradouro, mas representa essa sensação numa obra de arte, e assim recebe o papel de gênio. Portanto, o gênio é aquele que negou sua vontade ao contemplar a ideia de belo, que trouxe essa ideia, no sentido estético, através de uma arte. A estética é a exposições da ideia de beleza intuída pelo gênio.

Palavras-chave: Gênio. Vontade. Ideia. Belo. Conhecimento.